

AS MARCAS DO “OUTRO” NO GÊNERO NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Maria Jozelma Cabral da Silva Maroja; Simone Dália de Gusmão Aranha

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
jozelmacabral@hotmail.com; simone.dalia@yahoo.com.br

Resumo: Neste estudo, temos o propósito de analisar os efeitos de sentido construídos na materialização do discurso jornalístico. Para desenvolver essa proposta, selecionamos como *corpus* uma notícia publicada em 05 de novembro de 2016, no Jornal *on-line*, do site G1. A referida notícia relata as ocupações de instituições educacionais brasileiras por parte de estudantes, que motivados por questões políticas, impedem a realização do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM - em algumas cidades do país. Como embasamento teórico, nos apoiamos na Análise do Discurso de base francesa, uma disciplina de “entremeios” que se mostra cada vez mais importante para a discussão/compreensão dos discursos proferidos na sociedade contemporânea. Para desenvolver este estudo, serão explorados os conceitos de heterogeneidade, bem como os de sujeito e enunciado. Para tratar de enunciado, sujeito e discurso, nos baseamos em Foucault (1995, 2008), Fernandes (2008) e Pereira (2009); de heterogeneidade discursiva, em Authier-Revuz (2004); da noção de gênero, em Bakhtin (1992) e, mais especificamente do gênero notícia jornalística, em Alves Filho (2011). Como resultado da análise, observamos que, mesmo se tratando da notícia, gênero discursivo que prima pela transmissão da informação ao público com objetividade e imparcialidade, constatamos “outras vozes” latentes no texto publicado. Isso é possível verificar porque, ao produzir o seu discurso, o jornalista, como sujeito histórico, social e ideologicamente constituído, tende a imprimir marcas do discurso do “outro”, denunciando sempre o quê; de onde; por que; para quem; para quê; como e com que razão o sujeito enuncia o seu dizer.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Gênero Notícia, Heterogeneidade.

1 Introdução

A análise aqui empreendida foi realizada com vistas a compreender as condições de produção do discurso produzido em uma notícia *on-line*, o *corpus* deste estudo, observando os aspectos históricos, sociais, ideológicos, bem como o lugar dos sujeitos envolvidos na situação comunicativa, para expor os sentidos produzidos pelos enunciados materializados linguisticamente no texto.

Para proceder à análise, recorreremos aos estudos advindos da Análise do Discurso, “a disciplina das Ciências da Linguagem especializada em analisar, de forma reflexiva, as construções ideológicas presentes num texto, sendo muito utilizada, por exemplo, para analisar textos da mídia e as ideologias que trazem em si” (PEREIRA, 2009, p. 84). Mais especificamente, selecionamos três conceitos teóricos desse campo de estudos: (1) heterogeneidade discursiva; (2) sujeito e (3) enunciado. Com esta tríade conceitual, na perspectiva foucaultiana, analisaremos o discurso jornalístico.

Foi evidenciado e constatado que o discurso proferido pela notícia em foco busca, através da materialidade linguística e imagética, envolver o leitor e convencê-lo de seu posicionamento sobre o evento noticiado, mesmo sendo a notícia reconhecida como um gênero “comprometido” com a imparcialidade dos fatos apresentados.

2 Revendo conceitos

Inicialmente, é imprescindível que se compreenda o que caracteriza discurso no campo da Análise do Discurso (AD), tendo em vista que todos os conceitos aqui utilizados se materializam no discurso.

De uma forma geral, para o senso-comum, um discurso diz respeito a um texto, oral ou escrito, em que se enuncie algo com pretensão de influenciar o ouvinte ou leitor, a exemplo de um pronunciamento de um político ou de um orador em certos eventos sociais. No entanto, para AD, a compreensão de discurso diz respeito a algo que transcende a linguagem, localiza-se na ação social e não depende exatamente da língua, mesmo que através desta se materialize. Nas palavras de Fernandes (2008, p. 13), “o discurso não é a língua(gem) em si mas precisa dela para ter existência material e/ou real.”

Compreendido como ação social, o discurso traz em si marcas que expõem elementos do meio social, da ideologia e da história dos sujeitos. Desse modo, materializado na língua através de texto (verbal) e/ou imagem (não verbal), o discurso torna-se objeto de análise, através da qual é possível compreender os sentidos que produzem, tendo em vista as suas condições de produção.

Para proceder à análise de qualquer discurso, é necessário compreender que o sujeito discursivo é constituído sócio-historicamente e que carrega em si ideologias, as quais foram concebidas através do meio em que vive, das pessoas com as quais conversa, dos livros que lê, dos programas de TV que assiste, dos *sites* que visita, das músicas que ouve, enfim, das múltiplas práticas sociais que participa, o que implica dizer que o sujeito está em constante processo de mudança, já que a sociedade contemporânea vive em constante transformação. Assim, compreende-se que o sujeito “é heterogêneo, constitui-se pela relação que estabelece com o outro, pelas interações em diversos lugares na sociedade, e, com o Outro, que se materializa na linguagem e mostra o sujeito em um lugar desconhecido para si” (FERNANDES, 2008, p. 32).

Sendo o sujeito heterogêneo, o discurso também o é, pois ambos derivam da interação social pela linguagem, a qual ocorre em diversas esferas sociais, em múltiplas situações discursivas,

permitindo, assim, o que Bakhtin (2002) denominou de polifonia. Para esse autor, o discurso é sempre entrelaçado de diversas vozes e discursos advindos de diferentes espaços sociais constitutivos do sujeito discursivo e mantém um diálogo entre si, ora em concordância, ora em discordância. Nas palavras de Pereira (2009, p. 88), “não existe um discurso puro, original, ele sempre é atravessado por outro discurso”, ou seja, por mais que os discursos estejam dispersos pelo tempo e pelo espaço, eles sempre vão unir-se, pois “são atravessados por uma mesma formação discursiva, uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento” (PEREIRA, 2009, p. 89).

Na concepção de Foucault (1995, p. 135), o discurso é um atravessamento de enunciados, pois revela

um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos; é um conjunto de enunciados, na medida em que se opõem na mesma formação discursiva, ou seja, é um conjunto de enunciados que têm seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva; e deve ser analisado no nível do sistema de relações que constituem o discurso como uma prática discursiva.

Conforme Jacqueline Authier-Revuz (2004), há duas formas de heterogeneidade com vistas à compreensão do sujeito discursivo. A primeira diz respeito à “heterogeneidade constitutiva” como condição de existência dos múltiplos discursos dispersos no meio social e dos sujeitos, constituídos na interação com outros sujeitos, também socialmente constituídos. A segunda forma de heterogeneidade é a “mostrada”, a qual é apresentada de forma explícita no discurso e pode ser identificada através da materialidade linguística, pois inscreve o outro na sequência do discurso através de discurso direto com uso de aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia, entre outros.

Desse modo, ao analisar um discurso, é preciso considerar não apenas o que está escrito na superfície linguística, mas o contexto de produção, levando em consideração, o que o sujeito disse, quem é esse sujeito, que lugar social ele ocupa e para quem esse discurso é dirigido. Para Foucault (1995, p. 56), os discursos “são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” Então, um enunciado não se encerra em si mesmo. Ele é proferido através de signos, porém, inserido em um contexto histórico, social e ideológico que o determina e o preenche de sentido.

Cada enunciado deve ser analisado tendo em vista seu contexto de produção, visto que os enunciados não constituem frases e sim “acontecimentos que sofrem continuidade, descontinuidade,

dispersão, formação e transformação, cujos sentidos são incompletamente alcançados” (FERNANDES, 2008, p. 43). Por isso, a escolha de um enunciado e não de outro implica dizer que o discurso supõe controle, o qual será determinado por condições extralinguísticas, capazes de demarcar o que deve ou não ser dito, para quem, em que lugar e em que momento. Sobre esses aspectos, Foucault (2008, p. 8-9) afirma que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Assim, os sentidos impressos em cada enunciado, entendido aqui como acontecimento, serão apreendidos a depender também das escolhas enunciativas que o sujeito autor materializa em seu discurso, haja vista os ajustes que o sujeito faz sobre o que pode ou não ser dito a partir do contexto situacional de produção.

Esse sujeito discursivo, segundo Fernandes (2008, p. 24), não se trata de um ser individualizado, empírico, com existência particular, e “sim um sujeito que tem existência em um espaço social ideológico, em um dado momento da história e não em outro.” Em consequência disso, na materialização do seu discurso, revela as “verdades” que representam seu lugar sócio-histórico e ideológico, deixando transparecer o eco das diferentes vozes/discursos que o constitui.

Com base nesses conceitos, seguiremos tecendo a análise de uma notícia jornalística, verificando, de forma prática, o sujeito discursivo, o enunciado e a heterogeneidade discursiva presentes na notícia jornalística.

3 O gênero notícia *on-line*

É inevitável proceder à análise de um gênero discursivo sem antes apresentá-lo, mesmo que brevemente, pois isso será determinante para atingir o objetivo que pretendemos alcançar.

O gênero notícia caracteriza-se por seu caráter informativo, portanto, seu conteúdo precisa, frequentemente, se relacionar a fatos novos, recentes e relevantes. Segundo Alves Filho (2011), a notícia é facilmente encontrada em diversos lugares e suportes, os quais vão desde os jornais impressos, encontrados nas bancas de revistas, até os celulares, através dos portais de notícias na internet (rede mundial de computadores), o que permite um acesso fácil e rápido, atingindo um grande e diversificado público leitor.

Na maioria das vezes, a notícia, independente do suporte, obedece a seguinte estrutura composicional: manchete, *lead*, episódio e comentário. No entanto, com a proliferação da tecnologia, esse gênero, genuinamente multimodal, por apresentar diversos recursos em sua composição (imagens, gráficos, *links*, entre outros), com o objetivo de atrair leitores bem diversificados. Essas características são mais acentuadas quando se trata de uma notícia *on-line*, nosso objeto de análise neste artigo, pois na internet observa-se que há uma necessidade de se investir cada vez mais na estrutura composicional para atrair o leitor/internauta à leitura do gênero, uma vez que ele é bombardeado por dezenas de notícias que “chegam” ao mesmo tempo, exigindo a seleção imediata do texto/notícia que lerá e, na maioria das vezes, essa escolha se dá pelo aspecto visual (imagens) e apelativo de um título, por exemplo; o difere da notícia em um jornal impresso, que exige do leitor a compra em bancas de revista ou este seja assinante de um jornal para ter acesso à notícia publicada.

Desse modo, a notícia *on-line* busca envolver o leitor com o maior número de recursos possíveis para convencê-lo sobre a relevância do fato enunciado pelo discurso jornalístico. Com isso, a imparcialidade e a objetividade almejadas na escrita desse gênero são comprometidas, pois, não só a escolha das imagens, como também, a ordem dos fatos apresentados obedecem à ordem de relevância dada sob a perspectiva do sujeito enunciador, o jornalista, e não à ordem em que os fatos ocorreram, conforme afirma Alves Filho (2011).

Para elucidar esse fato, entre outros aspectos do gênero, escolhemos uma notícia publicada no G1, jornal de grande circulação *on-line*, que publica notícias voltadas para acontecimentos nacionais e internacionais e se posiciona a favor do discurso político de direita do atual governo brasileiro. Assim, o discurso proferido na notícia em destaque, conduz o leitor a compartilhar da opinião dos jornalistas e, para dar credibilidade a esse discurso, são utilizados vários recursos multimodais, a exemplo da descrição direta da fala de uma pessoa envolvida no evento, fotografias, entre outros, como veremos a seguir.

4 Procedendo a análise

O ano de 2016, no Brasil, foi marcado por inúmeros movimentos sociais. Dentre eles, o movimento que envolveu estudantes em todo país. Em boa parte dos estados brasileiros, mais de mil instituições entre escolas e universidades públicas foram ocupadas por alunos, tendo em vista diversos motivos, como (1) a revogação da Medida Provisória (MP) 746, que impõe uma reforma

do ensino médio, que, segundo os estudantes, foi realizada sem debate com a sociedade; (2) o repúdio total à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que após ser transferida para o Senado passou a ser PEC 55, a qual propõe limite de gastos em âmbitos sociais importantes como saúde e educação, e (3) a rejeição ao PLS 193/16, que propõe o “Programa Escola sem Partido”, considerado uma “Lei da Mordaca”.

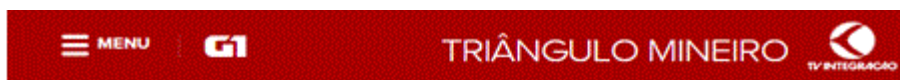
Nesse contexto, os meios midiáticos encarregaram-se de transmitir ao mundo tais conflitos sociopolíticos enfrentados pela sociedade brasileira nesse dado momento. Para isso, imbuídos de sua função social, os jornalistas materializaram seus discursos em jornais (impressos ou digitais), nos quais apresentaram de forma implícita ou explícita, seu posicionamento, a favor ou contra, o movimento estudantil.

Diante disso, com o objetivo de analisar alguns discursos sobre as referidas ocupações, a partir dos conceitos teóricos de sujeito, enunciado e heterogeneidade discursiva trazidos pela AD, uma notícia publicada em 05 de novembro de 2016 pelo jornal G1, intitulada ‘*Desocupados, desabafa jovem que viajou 17h e perdeu o Enem em MG*’. Esse jornal, mesmo não sendo considerado um documento de publicação oficial, colabora com a formação de opinião, haja vista o número considerável de leitores, já que sua circulação através da internet alcança um público bem maior do que o jornal impresso, possibilitando um acesso mais rápido e menos dispendioso aos leitores.

Em síntese, a notícia trata do fato de uma jovem que não realizou as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) na data previamente marcada, porque o local onde ela faria essa avaliação estava ocupado por estudantes. É possível constatar que o discurso proferido na notícia é o de que as ocupações atrapalharam os estudantes, ao invés de contribuir com eles, já que “impediram” que o ENEM fosse realizado naquele dia, naquele local.

Analisando os enunciados, verificamos “marcas” da noção da heterogeneidade discursiva, tanto a constitutiva quanto a mostrada. Sob a perspectiva constitutiva, notamos que os sujeitos discursivos, que se inscrevem no discurso em análise, são autorizados para tal por ter formação adequada à função de jornalista, o que implica dizer que este se constituiu do inter cruzamento de diversas vozes que circundaram as interações sociais oriundas de sua formação, bem como das interações estabelecidas em sua esfera profissional e, ainda, do grupo social que representa, uma vez que cada jornal posiciona seu discurso em consonância com os seus interesses sócio-políticos, mesmo primando pela “imparcialidade”. No referido discurso, de forma explícita, ressalta-se também a heterogeneidade mostrada, pois em toda a notícia é possível notar a presença do discurso

direto da jovem, entre aspas, como também o uso das imagens com cartazes, nos quais seus inscritos mostram a voz dos ocupantes das instituições. No entanto, o fato de selecionar esses aspectos da situação noticiada, e não outros, já aponta o posicionamento ideológico do sujeito discursivo. Para melhor entendimento, reproduziremos o *print* da notícia em foco:



05/11/2016 16h31 - Atualizado em 05/11/2016 01h13

'Desocupados', desabafa jovem que viajou 17h e perdeu Enem em MG

Gabrielle saiu do Paraná pra Uberlândia; ela recebeu mensagem hoje cedo. Estudante gastou R\$ 500 e não sabe se voltará à cidade em dezembro.

Bárbara Almeida e Mário Brandani
Do G1 Triângulo Mineiro



Estudante viajou do Paraná até Minas Gerais e não conseguiu fazer provas (Foto: Reprodução/TV Integração)

A estudante Gabrielle Lais Kothe viajou cerca de mil quilômetros para fazer as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) neste sábado (5), em Uberlândia, mas não conseguiu. A jovem que demorou 17 horas no percurso entre Umuarama (PR) até a cidade mineira e só foi informada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) que a **prova seria adiada devido às ocupações** no local às 10h de hoje.

"Eu sai da minha casa às 7h da manhã de sexta-feira e cheguei neste sábado 2h da madrugada pra poder fazer a prova. Recebi um e-mail hoje, às 10h, mas o que ia adiantar? Já estava aqui. Vai sair quase R\$ 500 de passagem e alimentação. É uma vergonha chegar e ter isso aí. Bando de desocupados que não têm o que fazer e que ficam atrapalhando a prova dos outros que querem alguma coisa da vida", desabafou.

“

É uma vergonha chegar aqui e ter esse problema. Bando de desocupados que não têm o que fazer e ficam atrapalhando a prova dos outros”

— Gabrielle Laís, estudante

voltar para fazer essa prova de novo em dezembro. Estou com medo de ser um Enem perdido”, finalizou.

Os integrantes do movimento colocaram na porta da universidade um comunicado dizendo que tentaram dialogar com o Ministério da Educação (MEC).

Gabrielle disse que escolheu fazer a prova em Minas Gerais porque na época da inscrição do Enem morava em Uberlândia. Em agosto precisou mudar para o Paraná e não conseguiu fazer a alteração do local por causa do fim do prazo exigido pelo Inep. Agora, está revoltada com a situação.

“Vou ficar aplaudindo isso aí tudo? Eu estudei bastante, pois o curso que quero é complicado. Então eu quero estudar Direito e não é qualquer um que consegue, né? Chegar aqui e descobrir que não conseguirei fazer é péssimo, uma viagem perdida. Eu nem sei se vou conseguir



Aplicação de provas do Enem em campus da UFU foi adiada (Foto: Mário Brandani/G1)

A estratégia de usar o discurso e a fotografia da jovem, além dos cartazes, leva o leitor a dar credibilidade ao discurso proferido, porém, o fato de dar espaço ao discurso direto da jovem na materialização do texto e não ter feito o mesmo com o discurso dos ocupantes da instituição, constitui uma marca implícita do posicionamento dos jornalistas em detrimento do fato, levando a crer que esses sujeitos se posicionam contrários as ocupações, já que materializaram a notícia sob essa perspectiva e não de outra.

Logo no título da notícia, entre aspas, encontra-se o enunciado “desocupados”, que antecipa o dizer da jovem e dá ênfase ao discurso contrário ao movimento, tanto dela quanto o dos sujeitos que enunciam o discurso jornalístico, representante da instituição para qual trabalham. A escolha por

esse enunciado para compor o título não ocorreu de forma aleatória. Como questiona Foucault (1995, p. 31), “por que apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” Desse modo, inferimos que o enunciado em questão é carregado de sentidos, pois revela o lugar social assumido pela jovem que o pronuncia, assim como para aqueles que o destacam na materialidade do discurso.

Para melhor direcionar esta análise, é importante observar o emprego dos adjetivos “desocupados” e “ocupantes”. Esses adjetivos são usados em várias situações cotidianas, revelando discursos que se opõem. O termo “desocupado” é dicionarizado e significa indivíduo livre, disponível, que está sem trabalho, no entanto, na notícia em análise, esse enunciado é carregado de outros sentidos e revela o olhar revoltado da jovem que o utiliza como sinônimo de “vagabundos”, indivíduos que vivem à toa, sujeitos vadios, sem ocupação. Desse modo, ao trazer esse enunciado para o título, os jornalistas expressam sua intenção de convencer o leitor a compartilhar da mesma opinião. Quanto ao termo “ocupantes”, entendemos que este confere aos que se encontram nas instituições um caráter menos agressivo, tendo em vista que se referem a si próprios como ocupantes, que ocupam um espaço. Nessa perspectiva, observamos que as oposições expressas nas palavras, quando pronunciadas, “revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares.” (FERNANDES, 2008, p. 13).

Procedendo a análise dos três sujeitos discursivos representados na notícia, ressaltamos que, em todos os casos, trata-se sempre de alguém, que diz algo, de um lugar determinado, para outrem, por algum motivo.

No caso do discurso proferido pela jovem, observamos uma estudante que se preparou para realizar a prova do ENEM, a fim de entrar numa universidade para cursar Direito, curso bastante concorrido nos processos seletivos, e, na condição de indignação em que se encontra no momento, por ter vindo de longe e não ter sido possível realizar as provas no dia previsto devido à ocupação dos locais de provas pelos estudantes, configura-se um discurso contrário ao discurso dos ocupantes. Seu discurso é polifônico, pois traz as vozes de todos os sujeitos contrários ao referido movimento estudantil, sujeitos esses que podem ter vivenciado a mesma situação ou simplesmente por terem construído seus discursos através da audição de outros discursos exteriorizados nas diversas esferas sociais das quais fazem parte, que por sua vez os constituem, como bem sinaliza a perspectiva de análise de Authier-Revuz (2004).

Do mesmo modo, observamos o discurso dos estudantes que ocupam a instituição representada nos cartazes da foto exposta na notícia, a Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Trata-se de um discurso silenciado na notícia, o que conduz à interdição dos discursos que nos fala Foucault (2008). No entanto, os enunciados, ali expostos, mostram um discurso que rechaça o discurso proferido pela jovem, o qual é admitido pelos jornalistas. Os cartazes confirmam a ação realizada pelos estudantes com o enunciado “ocupação” e mostram um discurso, não de sujeitos “desocupados”, mas de sujeitos “preocupados” em dar informações aos interessados no sentido de que tentaram dialogar com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), certamente para resolverem o impasse e que não tiveram respostas. Acrescentam ainda, no cartaz, que “de 42 blocos disponíveis, apenas 3 estão ocupados”, dando a entender que, se tivesse tido diálogo, provavelmente as provas teriam sido realizadas, tendo em vista o mínimo de 3 blocos ocupados. Tudo isso mostra que os sujeitos discursivos apresentados no cartaz não estão na posição de “ocupantes” ou de “desocupados” sem motivos. Eles estão na posição de estudantes envolvidos com causas relacionadas aos seus ideais sócio-políticos e ideológicos em defesa de direitos para os próprios estudantes, o que representa um discurso contrário ao apresentado pela jovem e endossado pelos jornalistas em toda a notícia.

Por sua vez, os jornalistas repetem o discurso da jovem, porém de outro lugar social, o de profissionais da área de comunicação, pertencentes a uma instituição jornalística, que assim como eles, possuem seus interesses, oriundos de uma realidade social, talvez, bem distante da realidade da jovem. Isso confere a eles um olhar totalmente diferenciado da situação em questão.

Assim, a análise dessa notícia nos leva a compreender que cada discurso, mesmo que tratando de uma mesma situação, terá sempre inúmeras materialidades, pois cada sujeito materializará seu discurso, selecionando enunciados que representem o seu lugar social, seus ideais, sua história e tudo que o constitui como sujeito.

5 Conclusão

Neste estudo, analisamos vários discursos veiculados por meio de uma notícia publicada em um jornal de grande circulação na internet. Tendo como aporte teórico o campo de estudos da Análise de Discurso Francesa, foi possível comprovar que, ao produzir a sua matéria, o jornalista, como sujeito histórico, social e ideologicamente constituído, imprimiu marcas do discurso do

“outro”, e denunciou o quê; de onde; por que; para quem; para quê; como e com que razão enunciou o seu dizer.

Referências

ALMEIDA, Bárbara; BRANDANI, Mário. ‘Desocupados’, desabafa jovem que viajou 17h e perdeu Enem em MG. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/11/desocupados-desabafa-jovem-que-viajou-17h-e-perdeu-enem-em-mg.html>>. Acesso em: 30 de novembro de 2016.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a Transparência e a Opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Trad. De Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: SP: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

PEREIRA, Tânia M. A. Pêcheux, Foucault e Bakhtin: convergências e divergências no campo da análise do discurso. In: ARANHA, S. D. G. ; PEREIRA, T. M. A.; ALMEIDA, M. L. L. (Orgs.) **Gêneros e Linguagens**: diálogos abertos. João Pessoa, Editora Universitária, 2009, p. 83-94.